

# Bissexualidade e gramáticas emocionais em relatos de jovens universitários no Rio de Janeiro

DIEGO SOUSA SCHIAVO CALMON

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**DOI** 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p282-305

**resumo** O presente artigo está situado na interface entre o campo da antropologia das emoções, da perspectiva construtivista da sexualidade e da sociologia interacionista. Propõe-se examinar as gramáticas emocionais e a micropolítica das emoções que acompanham os processos parciais de controle e exposição da informação de si, entre jovens universitários que se identificam como bissexuais e residem no Rio de Janeiro. Atenta-se pelos enquadres situacionais descrito pelos jovens, tais como os aspectos comportamentais e afetivos incutidos na interação social. Os relatos são compostos por experiências afetivas presentes em interações sociais nas quais os jovens se apresentam como bissexuais para seus interlocutores.

**palavras-chaves** bissexualidade; emoções; micropolítica; interação social; bissexuais.

## **Bisexuality and affective grammars among young college students in Rio de Janeiro**

**abstract** This paper is situated at the interface between the field of anthropology of emotions, the constructivist perspective of sexuality and interactionist sociology. It is proposed to examine the emotional grammars and the micropolitics of emotions that accompany the partial processes of control and exposure of self-information among young university students who identify as bisexual and live in Rio de Janeiro. Attention is paid to the situational frameworks described by young people, such as the behavioral and affective aspects instilled in social interaction. The reports are composed of affective experiences present in social interactions in which young people present themselves as bisexual to their interlocutors.

**keywords** bissexuality; emoticons; micropolitics; social interaction; bissexuals.

## Introdução

Este artigo traz um recorte da pesquisa que resultou na dissertação de mestrado intitulada “Personalidades foscas: sexualidade e roteiro em jovens universitários no Rio de Janeiro” (CALMON, 2019)<sup>1</sup>. Foram entrevistados cinco jovens universitários, três mulheres e dois homens entre 20 e 28 anos de idade. Quatro entrevistados são residentes na zona norte e um reside na baixada fluminense do Rio de Janeiro. No entanto, para elaborar este artigo, foram aproveitadas as quatro primeiras entrevistas: o primeiro entrevistado possuía 28 anos e residia no bairro do Grajaú; a segunda entrevistada possuía 22 anos e morava na Baixada Fluminense; a terceira entrevistada possuía 24 anos e residia no Méier e a quarta entrevistada possuía 25 anos, residindo no bairro do Engenho Novo. Todos estão inseridos no campo das ciências humanas em universidades públicas no Rio de Janeiro. A pedido dos próprios entrevistados, os nomes e as unidades de curso superior foram retirados com o intuito de preservar a demanda por anonimidade.

O escopo analítico é composto pelo campo da antropologia das emoções, dos estudos sobre gênero e sexualidade e pela sociologia interacionista. O objetivo é compreender as emoções e seus efeitos micropolítico nas interações sociais nas quais os jovens se relatam como bissexuais para seus interlocutores – seus familiares, pretendentes amorosos e namorados. O roteiro semiestruturado foi ordenado para a constituição dos roteiros sexuais referentes à bissexualidade e das gramáticas emocionais que acompanhavam as descrições de cenas cujo foco analítico recaiu na apresentação de si a partir da bissexualidade.

Diante dos dispositivos de sexualidade, entendidos como o conjunto das relações estabelecidas entre elementos heterogêneos que englobariam “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2013, p.364)<sup>2</sup>, Angelides inicia sua introdução em “A history of bisexuality” (2001) afirmando que:

Caracterizada de maneira diversa nos discursos dominantes da sexualidade como, entre outras coisas, uma forma de infantilismo ou imaturidade, uma fase de transição, uma autoilusão ou estado de confusão, uma fuga pessoal e política, uma panaceia, uma tendência superficial da moda, uma ferramenta de marketing, mesmo uma mentira e uma catacrese, à categoria de bissexualidade há mais de um século tem sido

---

<sup>1</sup> A dissertação foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da UERJ em fevereiro de 2019 sob orientação da Profa. Maria Claudia Coelho.

<sup>2</sup> Segundo Foucault, o objetivo dos discursos que surge no Ocidente a partir do século XVII seria menos o de uma repressão ao sexo que uma tentativa de regulação por meio de discursos úteis e públicos. Em suas palavras: “o sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 2013, p.31).

persistentemente recusada o título de identidade sexual legítima. (ANGELIDES, 2001, p. 1, tradução minha<sup>3</sup>)

As cenas investigadas correspondem aos momentos em que os dualismos segredo/exposição, público/privado, dentro ou fora do “armário” se tornam evidentes em contextos interacionais onde o que está em jogo seria um relato de si. Os discursos sobre as emoções relacionadas a tais cenas podem fornecer, juntamente com elementos cognitivos oriundos das interpretações pessoais dos integrantes, um conjunto de dados que dizem respeito tanto à construção do contexto interacional, quanto à projeção e elaboração do self e sua respectiva dinâmica relacional e micropolítica com os demais interlocutores da interação.

A estrutura do artigo é de três seções: a primeira está relacionada às cenas sobre a administração do armário entre familiares; a segunda, entre as entrevistadas e as pessoas que possuíam algum nível de interesse afetivo ou erótico e a terceira será dedicada à maneira como o ciúme foi concebido entre o casal composto pela quarta entrevistada e seu namorado. Trata-se de refletir sobre os contextos em que a bissexualidade se torna uma questão no interior de interações sociais específicas e, no segundo momento, de compreender as formas com que os indivíduos enquadram e interpretam tais situações e de que forma se orientam para lidar com as respectivas exigências situacionais e interpessoais.

### **As emoções situadas no contexto familiar**

Algumas cenas presentes em diversos momentos nos relatos dizem respeito aos questionamentos que os jovens e outras pessoas fizeram sobre as possibilidades de validação da bissexualidade como categoria legítima. Em muitos momentos, as dúvidas direcionadas para o próprio desejo e a percepção de outras pessoas acompanharam as etapas descritas por Sedgwick em “A epistemologia do armário” (2007). Dentre os sete tópicos descritos pela autora, alguns podem ser citados pela proximidade dos questionamentos presentes nos relatos; entretanto, as especificidades das respostas apontam para novas dinâmicas sobre a exposição e sigilo de pessoas bissexuais. O termo “armário” será utilizado neste texto como um “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores”<sup>4</sup> (2007, p. 19).

O primeiro tópico destacado pela autora se resume às perguntas: “Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar em conclusões? Afinal, o que você diz se

---

<sup>3</sup> Texto de partida: “Variously characterized within dominant discourses of sexuality as, among other things, a form of infantilism or immaturity, a transitional phase, a self-delusion or state of confusion, a personal and political cop-out, a panacea, a superficial fashion trend, a marketing tool, even a lie and a catachresis, the category of bissexuality for over a century has been persistently refused the title of legitimate sexual identity”.

<sup>4</sup> Pode-se acrescentar a bissexualidade ao grupo de categorias que carecem dos “privilégios de visibilidade” e “hegemonia de valores”.

baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais” (p. 37). O que estaria em jogo no processo de revelação gay seriam questões sobre autoridade e evidência<sup>5</sup>.

Na primeira entrevista, a principal cena em que perguntas do tipo são conduzidas quanto à bissexualidade se encadeia numa conversa entre pai e filhos. O diálogo foi motivado pelo início de um relacionamento onde o sigilo passou a não fazer mais sentido. Segundo o relato, o pai do jovem teria sido o último a saber por conta do receio de sua reação, diferente dos restantes dos familiares que reagiram bem.

Entrevistado 1: Eu sempre me soube bi, mas eu nunca tinha namorado homens. Eu sempre namorei mulheres. E aí uma vez eu conheci um cara que me fez chegar ao ponto de namorar. Eu falei: “Epa, agora, não é justo com ele que eu não deixe isso claro para a minha família”. E aí eu cheguei e contei muito abertamente. Muito direto também. “Eu tenho uma coisa pra contar pra vocês que eu nunca contei por que eu não via necessidade, mas agora eu acho que tem necessidade”. Porque a gente estava namorando. “É...eu estou namorando com um cara”. E aí, a minha avó entendeu de boas. Minha mãe também lidou com a situação de uma maneira muito tranquila. Nunca tive conflito com as duas, pelo contrário. O meu pai que já lutou, foi mais chato. É um caso à parte. Meu irmão, pelo contrário, sempre fez a relação do meu pai comigo. Porque meu irmão foi muito tranquilo e foi muito importante nesse processo de aceitação do meu pai.

(Entrevista – junho/2018)

O irmão e a madrasta aparecem no relato como os familiares que tentariam exercer a ponte entre o entrevistado e seu pai:

Entrevistado 1: E aí, um dia, ele estava assistindo televisão com a minha madrasta e aí eu entrei no quarto dele e falei: “Gente, vamos conversar?” (risos) Aí ele falou: “Vamos, o que que houve?” Eu falei: “Então”, eu fui direto, falei assim: “olha, eu estou namorando. Tem um tempão que eu não namoro, né?”. “Ah, que bom. Está namorando, né?”. “Então, eu tenho

---

<sup>5</sup> É interessante perceber, no entanto, que a autora não abordou os problemas relacionados à bissexualidade, restringindo-se às categorias “gay” e “lésbicas”. Angelides, ao revistar a obra de Sedgwick, aponta para as implicações de que as oposições utilizadas para caracterizar a dinâmica do armário e que se encontram relacionadas com outros pares presentes na história dos discursos sobre a sexualidade como masculino/feminino, natural/artificial, igual/diferente, ativo/passivo, tenderiam a marginalizar e reforçar o apagamento da bissexualidade.

que deixar isso claro”. E aí eu contei como eu conheci meu namorado: “Um dia eu fui numa festa e tal. Vocês lembram que estou... vocês comentaram...vocês lembram que vocês comentaram que eu estou saindo mais e tal? Você até me zoou”. Minha madrasta tinha me zoadado uma semana antes, ela falou: “Nossa, está se arrumando e que não sei o que”. E eu falei: “Tem um motivo. Eu estou namorando e é um cara e tal”. Aí meu pai meio que olhou pra minha cara. Foi muito engraçado, eu virei e falei: “E eu sou bi”. Aí meu pai: “Bi o que?”. Aí eu falei: “Bilingue que não é, né?” Aí ele: “Bi?” “É, pai, bissexual”. “Bissexual o quê? Você gosta de homem e de mulher?” “É, tá bom”. Aí ele se levantou e foi ao banheiro. Ele ficou uma hora dentro do banheiro e aquilo foi muito ruim, por que o que ele está fazendo ali? Ele estava com o chuveiro ligado, tomando banho, aquilo pra ele foi muito ruim. Depois de uma hora ele me sai, fuma três cigarros seguidos, sem falar nada. E minha madrasta só virou pra mim e falou assim: “Calma, ele vai digerir isso”.

(Entrevista – junho/2018)

A dúvida do pai quanto ao termo “bi”, mesmo que inserido em um contexto sobre relacionamento amoroso, parece sugerir tanto um tempo necessário para compreensão da resposta, quanto um desconhecimento da categoria, o que, segundo o entrevistado, tornou a pergunta do pai sobre o termo “engraçada”. Em seguida:

Entrevistado 1: Aí ele me chamou, falou assim: “olha... isso pra mim foi um baque. Foi estranho. Porque isso me irrita muito. Porque eu coloquei expectativas em você”. Aquele processo da expectativa. “No entanto eu acho que você é meu filho, que eu te amo de qualquer jeito, em qualquer condição, só que eu não quero compartilhar com você sobre a sua vida. Então não tem problema, nossa relação não vai mudar, você vai continuar sendo o meu filho, mas eu não quero conhecer o seu namorado, não quero que ele venha aqui na nossa casa, eu não quero compartilhar nada com você em relação a isso. Eu não concordo com essa vida. Com essa sua escolha”. Ele deixa claro que pra ele é uma escolha. E isso foi um processo bem chato, porque eu também sou birrento. Eu virei pra ele e falei: “Beleza. Você não quer participar da minha vida, você não vai participar da minha vida”. Então, a família toda participava, menos ele. “Vamos almoçar domingo em tal lugar? Vamos todos, mas, ó, meu namorado vai”. Meu pai não ia. Não quer ir não vai. A família toda ia menos ele. E aí o meu irmão começou a fazer essa ponte: “Pai, você está perdendo uma fase

da vida da gente. Você deixa de participar, você deixa de estar presente. Você deixa de conviver. Vamos! Ele é legal. Ele é maneiro”.  
(Entrevista – junho/2018)

Retornando o diálogo com o pai, o convite do almoço para apresentar o namorado foi negado. Entretanto, alguns dias depois, o tema sobre a bissexualidade ganha novos contornos:

Entrevistado 1: Aí um dia meu pai chegou e falou: “Olha, traz ele aqui em casa que eu quero conhecer”. Chamei ele pra almoçar aqui e tal. Chamei e foi supertranquilo. Houve uma conversa aberta na mesa e tudo o mais. E aí meu pai começou a gostar do meu namorado. Era a coisa mais engraçada do mundo, porque aquela pessoa que tinha ojeriza passou a ter agora dois filhos. Ele falava isso claramente. No entanto, a gente terminou o namoro. Quando a gente terminou o namoro, o meu pai colocou na cabeça dele que eu tinha voltado a ser hétero. E parece que ele regrediu anos. E aí, um dia, o meu pai chegou pra mim e, assim, parece que ele tinha acumulado uma angústia e uma raiva muito grandes, ele virou pra mim e falou: “Olha, você acha que as pessoas não comentam? De como você é, o que você faz? Isso é muito sério. Porque você fica sujando a imagem da nossa família”. E isso me irritou muito, sabe? Porque fiquei, assim, sujando a imagem. Você tem três empregos, você tem duas graduações, você estuda que nem um condenado, você é uma pessoa que está sempre ali presente para toda a família, e aí, porque você está fazendo sexo com outro cara, você está sujando o nome da sua família.  
(Entrevista – junho/2018)

Há certamente algumas questões para reflexão no último relato. Por um lado, a mudança de comportamento do pai ao conhecer o namorado do filho demonstra o resultado do esforço coletivo da família em tentar estabelecer laços amistosos com o novo rapaz. Em contrapartida, a segunda mudança de comportamento do pai assinala a percepção de equívoco, dúvida ou estado de confusão, em que o retorno à heterossexualidade se torna uma possibilidade. A sensação de regressão, comentada pelo jovem, se alinha à noção de “presunção heterossexista” (SEDGWICK, 2007, p. 22), quando se relacionar com pessoas do mesmo gênero pode se transformar em um desvio passível de solução. O fim do relacionamento amoroso, na perspectiva de seu pai, equivaleria ao fim da “escolha” de parceiros do mesmo gênero.

A segunda colocação no diálogo contado pelo entrevistado se conduz pela expressão “sujando a imagem da nossa família”. A relação entre exposição e sigilo no interior de redes familiares pode vir acompanhada pela “consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções” (p. 39). O primeiro desses prejuízos, certamente, parece ser a contradição sobre a presunção do filho ser heterossexual. No momento em que se estabelece a instabilidade da manutenção do sigilo e do controle da informação, a sensação de crise que se estabeleceu entre os laços amistosos com o pai sugere a condução de uma possibilidade de prejuízos à imagem da família a qual, na sua visão, teria sido produzida pela exposição do filho.

O desenvolvimento da trama sugere a passagem de uma identidade desacreditável para uma desacreditada, tal como propõe Goffman (2012, p. 51). Segundo o sociólogo, quando surge uma discrepância entre a identidade social real e a virtual<sup>6</sup> de um indivíduo, é comum que as demais pessoas já possuam conhecimento do fato e que a discrepância se torne evidente no momento da interação, o que caracterizaria a categoria “desacreditado”. Entretanto, quando a diferença não se apresenta de forma imediata, ou quando os demais integrantes da interação não possuem conhecimento sobre ela, surge a possibilidade de manipulação da informação sobre seu respeito, tal como sugere a categoria “desacreditável”.

As narrativas em torno do armário de pessoas bissexuais e gays parecem se estender para a passagem de um estigma, antes encoberto e protegido, para a sua exposição e instabilidade do controle da informação. A irritação ao ouvir a indagação do pai em relação à imagem da família se desdobra para a divergência dos atributos acionados para conceber os motivos para o prejuízo. Na descrição dos fatos, o sentimento suscitado teria resultado dos atributos quanto à identidade pessoal real como ter três empregos, ter duas graduações, ser estudioso ou estar sempre presente para a família, terem sidos suspensos por conta de sua vida erótica.

O estigma, como aponta Goffman (p. 13), estaria menos relacionado a um atributo depreciativo intrínseco ao indivíduo do que em relação a uma linguagem relacional, onde certos atributos podem ser valorizados para certas pessoas e depreciados para outras. No âmbito familiar, apenas o pai destacou a vida erótica do filho como condição única de “manchar” a imagem de sua família; para os demais, a sexualidade não foi pensada como critério para estigmatizar o jovem.

Em outro momento, as indagações sobre o acesso à informação por terceiros ressurgem:

---

<sup>6</sup> A identidade social real seria o conjunto das categorias, atributos e qualidades que o indivíduo-prova possuir, enquanto que a identidade virtual se caracteriza pelas demandas efetivas que seus interlocutores imputam ao indivíduo. Ver Goffman (2012).

Entrevistado 1: Eu estava trabalhando no computador. Aí meu pai chegou brigando muito com meu irmão, porque meu irmão tinha feito alguma coisa que ele não tinha gostado. Coisa idiota, tipo lavar louça ou não lavar uma louça. Porque é totalmente desproporcional. Aí ele virou pra mim e falou: “E você também”. Eu olhei e falei: “Eu?”. “Você acha que as pessoas não comentam sobre você? Já estou de saco cheio”. E daí: “E as pessoas comentam o que?”. Ele: “Você está pensando o que? Isso não é justo. Eu não admito esse tipo de postura aqui”. Só que o que acontece, é um conflito meu e dele e eu fiquei nervoso. Fiquei encarando ele: “E aí?” Só que nesse dia eu me orgulhei muito de mim. Porque pela primeira vez, esse dia foi muito simbólico, pela primeira vez eu me segurei. Eu falei: “Cara, eu estou batendo palma pra maluco dançar”. Eu fui lá, pleníssimo, salvei o meu trabalho no computador, botei uma roupa e fui trabalhar. Fui dar aula, fui pro curso que eu dou aula, sendo que eu iria dar aula só seis horas da noite. Isso era três horas da tarde. Ou seja, eu cheguei muito cedo no trabalho. Fiquei lá no trabalho sem fazer nada, porque eu precisava sair daquele ambiente.

(Entrevista – junho/2018)

A repetição da interpelação exercida pelo pai suscitou agora um novo sentimento no entrevistado. Se antes a irritação era impulsionada pela postura “birrenta” em tentar responder à altura, no último relato se distanciar das ofensas e da interpelação passou a ser motivo de orgulho. O autocontrole emocional mencionado parece atribuído ao termo “pleníssimo” para caracterizar a passagem de atos: “salvei meu trabalho no computador, botei uma roupa e fui trabalhar”. Por outro lado, confere destaque à cena por ter sido concebida como “muito simbólico”. Por “pleníssimo”, o entrevistado responde:

Entrevistado 1: Cara, quer dizer no sentido de você alcançar a plenitude mesmo, de você estar bem, em altitude, altivo, sabe? Aquela coisa de você alcançar um nível superior. Você estar pleno. É isso. Aí quando você vê uma pessoa que é “super” bem resolvida e tranquila, que consegue resolver as coisas com ela mesma, aí ela é uma pessoa plena. Tem essa energia em volta dela.

(Entrevista – junho/2018)

O termo sugere uma mudança de postura e uma mudança de sentimentos no interior de uma interação conflitante. Estar “pleníssimo”, no contexto em que o termo foi acionado demonstra a percepção de suplantarem reações a partir de uma postura entendida como



“superior”. A mudança de *footing* do jovem na cena de interpelação do pai foi acompanhada pela mudança de sentimento e autocontrole. Por *footing*, pode-se entender como sendo:

o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva. (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 107)

Se antes a irritação foi mencionada para justificar a reação combativa diante das exigências do pai, o sentir-se “pleno”, ativo e bem resolvido demonstra a transformação do enquadre situacional realizado pelo entrevistado, o que acompanhou a mudança de postura e das emoções. A posição que o pai ocupa na interlocução, pela perspectiva do filho, é um fator relevante para a mudança de enquadre. Se antes a postura combativa de ambos era caracterizada pelo termo “birrento”, a expressão utilizada para o novo enquadre “batendo palma pra maluco dançar”, juntamente com a explicação do termo “pleníssimo” como sendo “alcançar um nível superior” sugere uma hierarquização quanto à postura e sentimentos de ambos.

“Bater palma”, nesse caso, seria a insistência em manter uma “linha” baseada na “irritação” e na birra, tal como seu pai manteve e, por isso, ocupou o espaço do “maluco” que insiste em “dançar”. Por “linha” entende-se: “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela [a pessoa] expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria<sup>7</sup>” (GOFFMAN, 2012, p. 13). Adotar uma linha baseada na “plenitude”, possibilitou dar sentido à avaliação da cena e da própria conduta verbal e não verbal dos participantes, ao mesmo tempo em que o *footing* combativo adquiriu valoração negativa.

A mudança de sentimentos do entrevistado pode também ser entendida a partir do termo “trabalho emocional” ou “gerenciamento emocional” da socióloga Arlie Russel Hochschild (2013, p. 169). O termo se refere:

ao ato de tentar mudar, em grau ou qualidade, uma emoção ou sentimento. (...) É importante assinalar que “trabalho emocional” se refere ao esforço – ao ato de tentar – e não ao resultado, que pode ou não ser bem-sucedido” (HOCHSCHILD, 2013, p. 184)

---

<sup>7</sup> A relação entre “linha” e *footing* pode ser estabelecida no momento em que se concebe a primeira como constituindo a segunda, pois o segundo conceito englobaria, também, o enquadre da situação, a resposta à pergunta: “o que está acontecendo aqui?”

A autora tenta se distanciar de duas formas de se conceber a relação entre o indivíduo e seus sentimentos, a saber, a “organísmica” e a “interativa”. A primeira abordagem associaria o campo das emoções ao campo dos instintos e dos impulsos biologicamente concebidos. Nesse modelo de análise, as emoções seriam “fragmentos de experiências” onde o indivíduo “transborda” ou é “tomado” por suas manifestações. Os fatores sociais só teriam força explicativa sobre a maneira como as emoções são estimuladas ou expressas. Na segunda abordagem, a emoção é descrita como um “meio psicobiológico de adaptação” (p. 180); entretanto, enfatiza-se a expressão dos sentimentos no processo de gerenciamento das impressões.

Em contrapartida, a proposta teórica da autora enfatiza a capacidade do indivíduo de tentar suprimir, modificar e gerenciar aquilo que sente e não apenas ao que se pretende expor em uma dada situação social. O indivíduo poderia então gerenciar os próprios sentimentos a partir de um esforço cognitivo. Ele teria consciência de uma ruptura entre aquilo que se sente e aquilo que se quer ou se deve sentir a partir de sua leitura da situação, ou seja, baseia-se no enquadre utilizado para a compreensão da interação e de seu pertencimento nela.

O orgulho, como sentimento acionado para conceber a cena relatada, ratificaria tanto a mudança do footing quanto ao “trabalho emocional” realizado pelo jovem no momento em que não se conduziu por uma linha conflituosa e equivalente à de seu pai. De certa maneira, o orgulho opera como um reconhecimento da “plenitude” dos atos e dos sentimentos de uma pessoa que “consegue resolver as coisas com ela mesma”, transformando e revestindo a cena relatada com um alto valor simbólico para si.

Uma especificidade do armário de pessoas bissexuais estaria relacionada à sua dupla dinâmica entre o sigilo e a exposição. Se por um lado, as “identidades gays”, nos termos de Sedgwick (2007), estariam concatenadas ao dispositivo regulatório que limitariam suas possibilidades de direito à visibilidade, no armário de pessoas bissexuais estaria incutido no receio da rejeição advinda, também, de gays e lésbicas. Tal como aponta Lewis (2012, p. 149), o apagamento da bissexualidade acontece pela sua negação total, pela fixidez de classificação entre heterossexual e homossexual, ou pela ideia de que a bissexualidade seria apenas uma fase. Em todas as três possibilidades, o que estaria em jogo seria o espaço ocupado pela bissexualidade no interior de uma economia identitária, onde as fronteiras fixas de pares binários estariam em constante ameaça pela identidade bissexual (FACCHINI, 2009).

### **Rejeição e suspeita**

Nos relatos dos entrevistados, pode-se observar cenas em que tornar pública a bissexualidade se torna um problema para os jovens. Em todas elas, há o receio de serem rejeitados por possíveis parceiros afetivos ao se declararem bissexuais; em outros casos, a

surpresa gerada pela rejeição possibilita destacar algumas emoções que participam dos momentos chave do armário de pessoas bissexuais. Em alguns momentos, como no relato da terceira entrevistada, tende-se a camuflar a bissexualidade enfatizando a unilateralidade da atração sexual:

Entrevistada 3: Eu voltei a falar com a F. Na época em que a gente ficava, por pressão dela, ela me pediu pra contar se eu ainda sentia atração por homens, porque mudaria bastante coisa. Eu achei isso bem escroto, mas eu entendo e respeito se ela quer ficar com uma pessoa lésbica e não era o caso. Eu acabei falando que só sentia atração por meninas e até porque eu não estava sentindo mais atração por homem. Só que eu não tinha certeza disso, sabe? Eu achava que depois eu poderia ficar com homem ou namorar também. E aí a gente voltou a se falar essa semana. A gente estava conversando e aí eu virei e falei que ia fazer essa entrevista hoje e que eu iria falar muito sobre a minha orientação sexual. Isso é complexo, porque talvez por eu ainda ter alguma expectativa com ela, mas enfim, aí eu falei isso. Aí ela: “Mas da última vez que a gente se falou você disse que era mulher e tal”. Eu fui e falei assim: “Nem eu me entendo muito bem”.

Entrevistador: Como você se sentiu quando ela te perguntou isso?

Entrevistada 3: Na primeira vez como eu queria ficar com ela eu me senti no dever de falar que só queria mulher mesmo. Pra mim, se eu dissesse que não, ela poderia dizer “tchau”. Eu me senti mal no fundo, porque não é legal mentir e fazer isso, mas não achei correta a posição dela. Aconteceu e eu não consigo dizer pra ela isso.

Entrevistador: Ainda hoje não consegue?

Entrevistada 3: Não consigo dizer. Eu acho que ainda tenho alguma expectativa que a gente fique. Eu acho que isso pode ser uma coisa que traga implicações.

Entrevistador: Ela não suspeita de nada?

Entrevistada 3: Suspeita, suspeita. Pra ela, tipo, não, não é complexo. Não, eu acho assim, eu acho que ela pode até achar que pode ser uma questão complexa pra mim, mas no fundo eu acho que ela sabe que eu fico com homem.

(Entrevista – outubro/2018)

Pode-se destacar pelo último relato o entrave entre a exposição ou ocultamento da bissexualidade baseado no receio em dismantelar o interesse afetivo que estava sendo construído. A dúvida sobre a “atração sexual”, atrelada à noção de “orientação sexual”,

formam o conjunto de critérios pelo qual a possibilidade de envolvimento afetivo se baseou. O caminho inicial pela ocultação, ainda assim, não resultou no declínio da suspeita que se apresenta em torno da “questão complexa”: o escopo emocional continuou implicado no controle da informação como mecanismo de gerenciamento do “armário”.

Na quarta entrevista, a jovem se propõe a declarar que é bissexual em um encontro com a mulher de seu interesse:

Entrevistador: Como que foi esse dia que vocês se conheceram?

Entrevistada 4: Ela tinha uma tatuagem do Nietzsche aqui no braço (risos). Aí quando eu vi eu puxei assunto. Aí com Nietzsche eu fiquei puxando assunto de filosofia. A gente ficou conversando sobre filosofia durante muitas e muitas horas. E aí as duas meio que se encantaram, mas como estávamos em ambiente padrão, então, também, menor chance de acontecer qualquer coisa e tal. Aí a gente saiu mais uma vez em Botafogo e aí, foi o dia em que acabou chegando no assunto sobre relações anteriores. E aí foi: “Ei, você é bi?” Enfim, aí já mudou completamente. Já mudou completamente. Ela já não... já se desinteressou. Ela começou a me tratar como amiga.

Entrevistador: Como é esse “tratar” diferente?

Entrevistada 4: A coisa do flerte, né. O olhar diferente. Já não olha muito no olho. Já não faz tanta pergunta sobre você. Fala só sobre ela mesmo. Não tinha tanto interesse mais sobre o que eu achava. Ela tinha muito interesse por mim e, de repente: “Ah, não tenho mais não”.

Entrevistador: E nesse dia vocês fizeram o que depois?

Entrevistada 4: Nesse dia a gente terminou de beber e já estava um pouco mais “exaltadinha” da noite e acabou que ficou...(risos) foi uma noite, assim, eu não dormi nessa noite. Fiquei só em casa de bobeira pensando: “Estraguei tudo, eu não tinha que ter contado. Ai meu deus” (risos). Tipo: “Tinha que ter escondido isso”. E aí aceita, né? São coisas da vida. Mas sim, foi um pouco... acho que foi a primeira vez que eu fiquei assim: “Poxa vida, só por isso?” Sabe? Foi a primeira vez que me envolvi assim, por que já tinha acontecido assim de boy virar e falar assim: “Ah, bi é? Não sei o que, não sei que lá e tal”; “Essas feminazis”. Mas aí a gente caga né. Eu acho que essa rejeição eu... foi porque foi a primeira rejeição, assim, por conta da bissexualidade. Isso que pesou. Pessoa com cabeça aberta, nietzschiana, como assim?

(Entrevista – novembro/2018)

O desinteresse da companheira, segundo a jovem, se apresenta na transformação entre possível pretendente ao engajamento afetivo ou erótico para a categoria “amiga”. A interrogação interpelativa se desenrolou logo após os comentários sobre relacionamentos anteriores com homens, tornando evidente a mudança na conduta de sua interlocutora. A relação de interesse mútuo desenvolvida no primeiro encontro, após a conversa sobre as afinidades em comum, acaba por ser suplantada pelo entendimento da bissexualidade da jovem. O olhar, a escassez de perguntas e a centralidade da conversa em si, foram apontadas como as características de uma conduta desinteressada. Tal como observou a jovem, a expressão do desinteresse afetivo implicou na maneira de se envolver na própria situação em que estavam engajadas.

Todas as formas de condutas situadas que se desenrolaram após a exposição sugere o declínio de envolvimento de uma das partes ao nível do “engajamento da face” (GOFFMAN, 2010, p. 101). Segundo o sociólogo, em sua obra *Comportamentos em lugares públicos*, pode-se definir o termo como:

todas as instâncias de dois ou mais participantes numa situação juntando-se abertamente para manter um único foco de atenção visual e cognitiva – o que é sentido como uma única atividade mútua – implicando direitos de comunicação preferenciais (...) Atividades mútuas e engajamentos de face em que elas estão incorporadas compreendem instancias de papo furado, comensalismo, sexo, jogos, discussões formais e serviços pessoais (tratamentos médicos, transações comerciais, serviço de mesa, e outros mais) (GOFFMAN, 2010, p.101).

Em sua análise sobre o engajamento mútuo em uma dada atividade em andamento, Goffman destaca a importância desempenhada pelo olhar na manutenção da situação. Em primeiro lugar, as olhadelas são entendidas como mecanismos de abertura para o engajamento entre duas ou mais pessoas e, tendo a abertura confirmada, o retorno do olhar se transforma em sinal para ratificação. Os olhares diretos possuem, então, uma forma de abertura ritualmente declarada para a troca de enunciados verbais engendrados na interação focada. Em contrapartida, as olhadelas devem ser contidas caso o indivíduo queira evitar um encontro, pois o contato visual possibilitaria abrir canais para o engajamento de face. Goffman conclui que:

Quanto mais claramente indivíduos são obrigados a se conter de encarar diretamente outros, mais capazes eles serão de designar uma importância especial para um olhar fixo, neste caso, um pedido de um encontro. Assim, a regra de desatenção civil possibilita a função de autorização dada a olhares nos olhos de outros, e se “encaixa” com ela (GOFFMAN, 2010, p. 108).

Após a confirmação da abertura e dado o início do engajamento de face, os participantes tendem a manter cuidadosamente o que Goffman assinalou como “congregação ecológica olho a olho”, o que possibilitaria maximizar as condições de monitoramento mútuo dos coparticipantes. Uma definição compartilhada da situação é concebida quando ritualmente voltam suas mentes para o assunto da interação e seus olhos perambulariam de acordo com a rotatividade dos oradores. O que estaria em jogo seria um acordo sobre as relevâncias e irrelevâncias perceptuais, além de um “consenso de trabalho”, o que envolveria níveis de consideração mútua. As linhas de ações tomadas propiciam o fechamento simbólico de uma atividade mútua ao se desenvolver uma “justificação de nós” (p. 111).

O que a jovem aponta dos detalhes comportamentais de sua companheira de interação alinharia o desinteresse percebido a partir de sua manifestação simbólica do manejo do olhar e na ausência de reciprocidade e da cooperação mútua da situação. Ao transformar a si mesmo como principal foco de atenção na troca conversacional, os olhares de sua companheira nada mais fizeram que expressar a potencial rejeição exercida pelo engajamento. As expectativas alavancadas pelas características que mais impressionaram a jovem exercerem um parâmetro de contraste com o seu desempenho afetivo e gestual. A experiência afetiva da rejeição, como apresentado, não implicaria unicamente em manifestações violentas de desprezo, mas podem ser exercidas contextualmente a partir de um conjunto delicado de posturas na quebra dos sinais de um engajamento que se propôs ser mútuo.

Outra chave de leitura pode ser encontrada a partir da noção de micropolítica das emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1993). Sua manifestação estaria engendrada na cena descrita e possibilita correlacionar aspectos micro e macrossociais da tessitura afetiva e comportamental da vida cotidiana. Por micropolítica das emoções, entende-se o potencial das emoções para: “dramatizar/alterar/ reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 75). Por um lado, elas estariam implicadas e inseridas em contextos de inclusão ou exclusão que regem as relações intergrupais, como o nojo e o desprezo. Por outro lado, sentimentos como fidelidade e compaixão operariam na contextura dos laços sociais, na manutenção e atualização das dinâmicas interpessoais.

Por uma perspectiva contextual, situada na interação entre as participantes, o sentimento de indiferença que compôs o cenário afetivo coadunou as linhas adotadas por elas no encontro, onde se nota os gestos corporais e as expressões das emoções, como a consolidação negativa da bissexualidade presente na atualização do enquadramento situacional. A rejeição, exposta pelas expressões marcadas por indiferença e falta de absorção no decorrer da interação, expressa a capacidade micropolítica das emoções em promover crivos sociais.

Em outro relato onde o sentimento de rejeição surge, a bissexualidade é tomada novamente de forma pejorativa, como algo a ser evitado:

Entrevistada 2: É uma coisa que eu acho ruim é de muita mulher lésbica que não gosta de ficar com mulher bissexual. E nessa situação eu acho que foi por isso que a pessoa sumiu. Não sei. Porque eu conheci a pessoa no Tinder. A garota por quem eu me apaixonei, a última. A gente conversava bastante e tal. Eu tinha falado com ela que eu terminei e que eu namorava um homem. Só que ela não lembrava. A gente se encontrou pessoalmente. Aí o assunto surgiu e ela ficou me olhando assim, tipo: “você namorou homem?” Eu me senti meio mal. Eu falei: “namorei”. Eu não ia mentir. Ela começou a falar que acha estranha a bissexualidade e falou que acha mais estranho ainda em homem, tipo, homens bissexuais. Por que eu falei que me sinto mais confortável ficando com homem bissexual, por que é uma coisa que raramente acontece comigo assim. Eu só arrumo hétero. Ela falou que eu deveria achar ao contrário, por que normalmente o homem bi só quer ficar com a mulher como se fosse uma forma de ser aceito, sabe? Ser aceito na família e na rua. Ela falou que, na verdade, homens bissexuais são gays e que ficam com mulher pra ser aceito. Aí eu fiquei meio mal com isso. E ela falou que com mulher, nossa isso muitas mulheres falam, lésbicas falam que é “depósito de porra”. Eu fiquei... que merda. Eu acho isso bem escroto. Muitas mulheres falam isso, inclusive muitas mulheres que eu fiquei falam isso. Eu falei: “Então, nossa, por que você ficou comigo?” Fiquei pensando assim. foi isso.

Entrevistador: Como você se sentiu quando ela falou isso e ficou surpresa quando você falou que era bissexual?

Entrevistada 2: Porra, eu fiquei muito mal. Porque primeiro a pessoa não lembra o que eu falei e eu lembro de quase tudo do que eu falo, do que a pessoa falou pra mim. Eu me importo muito com as palavras e quando ela falou que não lembrava eu pensei: “Porra, ela não prestou atenção em nada do que eu falei”. Eu me senti mal por isso. E foi um relato, eu escrevi um textão e ela não lembrou disso. Eu fiquei meio mal. Se naquele dia a gente estava conversando e ela falou que entendia e agora ela ficou surpresa, eu achei esquisito. Porque quando estava conversando com ela, antes de falar que tinha namorado um homem, eu fiquei com muito medo de falar que eu era bi. Eu fiquei com muito medo de chegar nesse assunto.

(Entrevista – junho/2018)

Pode-se perceber no relato da entrevistada 2 como a bissexualidade pode ser concebida sob a perspectiva da “categoria de acusação” de Gilberto Velho (1997, p. 59). Segundo o autor, ao se conceber a vida social como um processo contraditório e complexo onde a realidade é negociada entre diferentes atores sociais sob a possibilidade de irrupção de conflitos, as categorias de acusações seriam processos estratégicos, mais ou menos conscientes de “manipular poder” e “organizar emoções” a partir da delimitação de fronteiras entre esses atores. As formas de acusações possuem atreladas a si a percepção de que a relação com as pessoas que são de alguma maneira alvos de acusações possui alto poder de contaminação.

Há duas maneiras pelas quais a bissexualidade pode ser posta sob o crivo da acusação de acordo com a entrevistada: como “farsa” e pela caracterização “depósito de porra”. São dois exemplos onde ela é tomada a partir de uma valoração negativa e baseada no sistema de gênero. Em relação a “homens bissexuais”, a deslegitimação da bissexualidade é descrita pela descrença em se relacionar com mulheres a partir de uma perspectiva unilateral de desejo ou interesse sexual. O receio de não possuir aceitação social, segundo o relato, implicaria na simulação do interesse sexual e afetivo por mulheres. Por esse motivo, o conselho recebido teria sido o de evitação, ao se entender inviável o relacionamento afetivo com homens bissexuais, o que concorre também para o apagamento social da bissexualidade.

O segundo termo, “depósito de porra”, emerge para caracterizar as mulheres bissexuais. A jovem cita dois momentos em que se sentiu mal, no primeiro, o esquecimento de sua companhia ao não se recordar de que ela era bissexual e, em seguida, o termo pejorativo proposto. Em ambos os casos, as fronteiras erguidas sobre as identidades sexuais emergem ancoradas em sistemas de gêneros, onde o desprezo parece ser o sentimento que sustentam os distanciamentos. O próprio medo em comentar sobre a bissexualidade já evidencia a antecipação do uso de tais categorias como formas de deslegitimar as possibilidades de envolvimento com pessoas bissexuais.

As categorias de acusações apresentadas sugerem a ampliação do panorama de classificações e hierarquização sexual proposto por Rubin (2017). Segundo a autora, os sistemas de classificações estão relacionados a uma linha imaginária que distinguiria o “sexo bom” e o “sexo mau” onde o primeiro seria definido como “santo”, “seguro”, “saudável” e “maduro”, e o segundo como “obra do demônio”, “perigoso”, “psicopatológico”, “infantil” ou “politicamente incorreto”. As discussões em torno dessas classificações versam, então, sobre onde traçar as linhas divisórias e identificar quais seriam as atividades socialmente aceitas e quais estariam vinculadas ao caos sexual.

Os termos propostos pela autora estariam dispostos entre duas linhas imaginárias. Em um polo, o “sexo bom”, estariam as categorias “heterossexual”, “dentro do casamento”, “monogâmico”, “procriador” e “em casa”. No polo oposto: “travestis”, “transexuais”, “fetichistas”, “sodomasoquistas”, “por dinheiro” e “intergeracionais”. O intermediário entre



os dois polos se localiza nas atividades que não seriam consideradas “boas”, mas não estão inseridas no polo oposto. Seriam elas: “casais heterossexuais não casados”, “heterossexuais promíscuos”, “masturbação”, “casais estáveis de gays e lésbicas”, “sapatões caminheiras” e “gays promíscuos em saunas ou parques”.

E a bissexualidade? Por não ter sido contemplada no exame de Rubin, o espaço destinado à bissexualidade em seu diagrama sobre a atividade sexual humana se torna incerto. Há pelo menos dois lugares onde seria plausível, de acordo com a lógica de Rubin, alocar as pessoas bissexuais: o nível intermediário e o polo negativo. Em contrapartida, as categorias dualistas que também estariam entre as valorações positivas e negativas, como heterossexualidade/homossexualidade, não dariam conta da especificidade da bissexualidade. Suas dinâmicas internas necessitariam de um exame analítico entre a bissexualidade/heterossexualidade e bissexualidade/homossexualidade, onde novas formas de significações de condutas e julgamentos estariam dispostas.

As classificações entre sexo bom e mau fazem parte da política interna do domínio da sexualidade. Tal como o comportamento humano, “as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produto da atividade humana” (p. 64). Sendo permeados por conflitos políticos, relações de poder, jogos de interesse tanto deliberados quanto incidentais, o sexo seria, então, sempre político.

As formas históricas pelas quais as linhas divisórias se orientam estariam situadas no domínio do cenário cultural, tal como proposto por Gagnon (2006), e produziriam efeitos nos próprios roteiros sexuais intrapsíquicos e interpessoais. As emoções que rodeiam os envolvimento afetivos e eróticos, como apresentado anteriormente, participam tanto das próprias formulações pessoais sobre a sexualidade quanto das interações sociais. O medo e o sentimento de rejeição, por exemplo, atrelados às categorias de acusação mencionadas, influenciam nas escolhas de parceiros sexuais, na forma pela qual as pessoas estão dispostas a expor a bissexualidade ou a assumir outra identidade sexual para não desapontar seus parceiros afetivos, não desafiar os limites da aceitação social e preservar a possibilidade de se sentir confortável com a própria sexualidade. De acordo com transformações mais amplas no campo cultural acerca do sexo, a partir de novas configurações hierárquicas dentre as categorias sexuais são produzidos efeitos particulares na forma como as pessoas lidam com seus roteiros sexuais.

No campo afetivo, a transposição entre o cenário cultural e as dimensões micro da vida social são descritas por Hochschild (2013) a partir da relação entre regras de enquadramento e regras de sentimentos. Segundo a autora, as regras para gerenciar as emoções estão implícitas em qualquer postura ideológica. A ideologia, por esta perspectiva, seria um enquadre cognitivo que implicaria na forma como as pessoas lidam com as emoções.

As regras de enquadramento seriam as maneiras de dar sentido e significado às situações, e as regras de sentimentos seriam as “diretrizes e para avaliação de ajustes e

desajustes entre sentimento e situação” (p. 195). Por essa perspectiva, quando o indivíduo assume uma nova posição ideológica, ele transforma e assume novas regras para definir as situações e os sentimentos nela envolvidos e passa a utilizar novas sanções emocionais.

A forma pela qual os entrevistados relataram as cenas que implicaram na manutenção da exposição e ocultamento da bissexualidade, os sentimentos despertados e “trabalhados”, as reações às categorias de acusação, o campo de possibilidades no qual as relações são encadeadas ou impossibilitadas de seguirem o fluxo desejado pelos jovens, possibilitaram examinar de que maneira os cenários culturais e os aspectos particulares da vida cotidiana podem ser pensados em conjunto. Deve-se evitar, no entanto, concluir que o resultado final entre os dois polos seja uma equivalência exata. A maneira pela qual a bissexualidade é concebida depende, em parte, das características individuais de socialização dos jovens e, também, da própria maneira como os roteiros intrapsíquicos são (re)elaborados e organizados a partir das relações interpessoais e dos cenários culturais específicos.

## O Ciúme

Dentre os sentimentos mencionados, o ciúme aparece apenas na quarta entrevista. A jovem descreve o início de seu relacionamento com o seu atual namorado e expõe como o sentimento adquiriu novos contornos significativos para a permanência do namoro.

Entrevistada 4: Ah, começou assim, tipo, meu namoro atual. Estou há seis anos com ele no todo, né. Porque a gente, fiquei um ano separada com ele. No início do namoro era tipo: “Ah, tudo bem por ser bi, nenhum problema e tal”. Até tinha carta branca pra pegar meninas e tal. Ok. Só que quando começou a acontecer isso, ele começou a ter um ciúme muito grande. Que eu acho que foi quando caiu a ficha pra ele que eu era bi mesmo, de fato. Que ele entendeu que não era brincadeira. Ele: “Poxa, eu estou tendo ciúme. Estou me sentindo ameaçado por isso”. Mas eu acho que tem isso, as pessoas não levam a sério, eu acho.

Entrevistador: como você se sentiu quando ele falou do ciúme dele com garotas?

Entrevistada 4: Eu acho que acabei gostando no fundo, por que acho que me senti mais... por que sei lá, parece que diminui como se a relação com a mulher não fosse uma ameaça, como se eu não pudesse me apaixonar por uma menina a qualquer momento e largasse ele. Ao mesmo tempo eu gostei quando ele meio que entendeu ‘putz, não, pera aí. Uma mulher é uma pessoa tão interessante pra ela como seria um homem’. Tipo, não tem essa. Acho que sempre tem, tipo, essa escala hierárquica, assim, ela é mais feminina então ela é uma “bi” com mais tendências “héteros” e então, é

meio: “Ah, é brincadeira”. E quando a menina é mais masculina e fala que é bi, pessoal acha que “Ah, ficou bêbada demais e deu um beijo num cara”. Sabe? “Essa aí gosta de mulher e tal”. Acho que sempre tem esse negócio, sempre tentam te colocar e acho que a gente mesmo às vezes, dependendo da fase, tende a se colocar mais num campo do que num outro e, não sei, mas por questão de pressão social. de fato, é sempre porque as pessoas perguntam. Gera uma curiosidade, né? Estranho, tipo: “Qual é a sua?”.  
(Entrevista – novembro/2018)

As caracterizações em torno da política interna presente no domínio da sexualidade (RUBIN, 2017), ressurgem no relatado da entrevistada a partir da dualidade masculino/feminino e as formas de se conceber a bissexualidade, como visto anteriormente. O desejo correspondente às categorias mencionadas como mulher “mais feminina” e “menina mais masculina” estão relacionadas com as presunções sobre a legitimidade do desejo de pessoas bissexuais. Uma das formas de apagamento social da bissexualidade seria, a seu ver, a correlação entre “tendências” baseadas entre categorias binárias fixas, onde uma mulher “mais masculina” não poderia se interessar por homens, a não ser que esteja “bêbada”. Por outro lado, a mulher “mais feminina” brinca ao desejar outra mulher. A própria percepção de uma hierarquia que a “pressão social” sobre se “colocar mais num campo do que o outro” está acompanhada pelo ciúme tardio de seu namorado ao desconsiderar a possibilidade da jovem se envolver amorosamente com outras mulheres. Na leitura da entrevistada, quando seu namorado percebeu que não se tratava de uma “brincadeira”, o ciúme surge como sentimento relevante para a entrevistada.

O ciúme foi analisado por Simmel (1986) à luz de sua conceitualização sobre o conflito. Para o autor, o conflito seria uma forma social que propiciaria associação entre os indivíduos ao realizar o contato entre as partes. Ao contrário da indiferença, o conflito mobilizado pelos ânimos intensificados geraria ações recíprocas e resolveria o problema da unidade pelo apaziguamento ou dissociação. A primeira maneira seria o polo positivo onde as partes se reconciliariam; já a segunda seria marcada pelas sobreposições de forças. Em todo o caso, o conflito surge integrado às possibilidades de harmonia social. A unidade, por sua vez, é desenvolvida nos seguintes termos:

consideramos como unidade a coincidência e a coordenação de elementos sociais, em contraposição às suas cisões, isolamentos, desarmonia. Mas também é unidade e síntese geral das pessoas, energias e formas que constituem, a totalidade final em que estão compreendidas, tanto as relações de unidade em sentido estrito, quanto as de dualidade. (DOLZANI, 2013, p. 189).

Segundo o autor, o ciúme trataria do sentimento de inferioridade e de disputa que seria atribuído a uma terceira pessoa, o que ocasionaria o direcionamento de sentimentos negativos à pessoa que possui exatamente aquilo que outro deseja. Por essa perspectiva, o ciúme possuiria sua natureza pautada pelo caráter pessoal da dinâmica afetiva. Analisando o envolvimento amoroso segundo Simmel e sua relação com o ciúme, Dolzani comenta que:

No caso amoroso, o ciúme se funda na crença do direito de possuir alguém que por si é desejado intensamente, o direito sobre o objeto amado. Esta correlação produz um conflito em sua própria origem, pois estabelece direito sobre a vontade do outro-indivíduo, criando necessidade de certeza sobre aquilo que é incontornável. O ciúme, por excelência é aquele que crê ter o direito de possuir. É o direito que se justifica na força do desejo. (DOLZANI, 2013, p. 189).

O sentimento de unidade que é percebido no relacionamento amoroso acaba por ser negado real ou idealmente. O risco de aniquilamento da unidade ocorre quando a positividade e a negatividade entre o ter e o não ter se torna enfática. Por essa perspectiva, o conflito ocorreria no interior mesmo do indivíduo, perpassando as possibilidades de harmonia e dissociação. Seu caráter pungente toma forma quando a unidade perde seu equilíbrio e estabilidade, transformando o conflito em uma forma social internalizada.

Em relação ao relatado pela quarta entrevistada, o ciúme adquire efeitos positivos para o próprio relacionamento ao legitimá-la como bissexual:

Entrevistada 4: Teve uma amiga minha... olha mais uma pessoa que também é bi (risos). Eu comecei a ficar com ela e ela era atriz, também, e tal e a gente começou a ir pra peças juntas e ele começou a ficar com ciúme. Quando começou a ficar um quê mais relacionamentozinho ele: “pera aí. Agora eu estou meio ameaçado com essa história”. Mas ali também foi o que eu já te falei. Ali, naquele momento eu acho que minha sexualidade foi mais respeitada. Ao mesmo tempo não foi uma coisa ruim assim. Eu fiquei meio: “Eu estava gostando mesmo da A. e realmente a gente colocou o relacionamento em risco”.

(Entrevista – novembro/2018)

O sentimento de ciúme, neste caso, possibilitou a permanência do sentimento de unidade a partir do momento em que o apagamento social da bissexualidade, umas das inquietações da jovem, passou a ser refletido por vias indiretas pelo namorado. Associada à ideia do relato anterior, onde o desejo por pessoas do mesmo gênero pode ser encarado como

uma forma de embuste ao se referir à bissexualidade, o ciúme do namorado operou como uma maneira de ratificação de sua sexualidade. A positividade do conflito internalizado possibilitou a harmonia do relacionamento até o momento da entrevista, realizada no dia 21 de novembro de 2018. Na leitura de Coelho sobre a problemática do ciúme na proposta teórica de Simmel, ela comenta que:

o ciúme, assim, parece ser a dinâmica emocional da formação de três. Nesse sentido, constitui um objeto de duplo potencial analítico: só pode ser explicado por meio da compreensão dessa forma social composta por três partes, mas ao mesmo tempo, serve como meio para o entendimento da natureza dessa formação de três e sua centralidade para a vida social” (COELHO, 2013, p. 33).

A autora atenta para a importância da tríade na composição numérica proposta por Simmel para a compreensão de formações de grupos sociais. Segundo este, apenas os números um, dois e três teriam papel imprescindível para a compreensão sociológica das formações grupais, sendo o “indeterminado” a característica predominante das formações de massa. A capacidade política do número três reside justamente em promover a trepidação na síntese que compõe uma tríade, promovendo assim a sua persistente instabilidade: seja pela fusão e retorno ao uno, seja pela absoluta separação. Apresenta-se, então, a contradição constituinte da lógica social manifesta no número três, ou seja, a tríade impõe um regime de constante instabilidade trépida entre os elementos da tríade e, conseqüentemente, “na concepção simmeliana, é no três que o social se instaura plena e irrevogavelmente” (COELHO, 2013, p. 32).

Ampliando seu escopo analítico para os estudos das cenas descritas anteriormente, o número três se apresenta de formas distintas ao se referir à bissexualidade. Ressaltando a tríade da lógica binária que compõe o pensamento ocidental sobre as manifestações do desejo, a bissexualidade se apresenta como um terceiro elemento capaz de produzir reconsiderações sobre as presunções heterossexuais e homossexuais. Os conflitos e as dimensões afetivas experienciadas como desprezo, indiferença, dúvida e desinteresse são gerados na medida em que o juízo monossexual é de alguma forma desestabilizado para emergir novas formas de configuração do desejo, ainda que essa tenha sido desconsiderada.

Em contrapartida, na ocasião descrita pela entrevistada 4, a confirmação do ciúme como dinâmica afetiva do número três possibilitou a ratificação do relacionamento, ou seja, evitou a separação absoluta e composição em duas unidades isoladas – referentes ao número um. No entanto, a presença afetiva ancorada no ciúme se manifesta justamente na capacidade disruptiva onde imperaria a dúvida sobre a união ou afastamento, presente no campo de possibilidades que assolam as narrativas românticas.

## Conclusões

A composição da análise socio-antropológica das cenas relatadas está disposta entre o campo da antropologia das emoções, os estudos sobre gênero e sexualidade e a sociologia interacionista. O conjunto dos programas disciplinares possibilitou refletir sobre cenas específicas relatadas sobre a bissexualidade, de que maneira os jovens entrevistados conceberam tais interações sociais e sob quais dinâmicas afetivas as experienciaram. As emoções, assim como o escopo comportamental, apresentam-se como importantes vetores de interpretação de uma dada situação social, assim como da leitura pessoal realizada por seus integrantes. Não apenas o polo cognitivo, mas a dimensão afetiva também corrobora, participa e influencia o (re)enquadre situacional, a linha adotada pelos atores sociais, a forma como concebem o intercâmbio comunicativo e simbólico da interação, as ações dos demais interlocutores e a si mesmo como objeto de constante avaliação.

A reformulação do enquadre apresentado pelo entrevistado 1 em seu relato sobre a sua sexualidade à família coadunou juntamente com o desenrolar dos eventos a tentativa de gerenciar os próprios sentimentos e, por conseguinte, a maneira pela qual buscou adotar uma distinta postura frente às interpelações conflituosas de seu pai. Nos relatos seguintes, predominou-se a capacidade de produzir fronteiras valorativas entre as formatações do desejo e da sexualidade não monossexuais a partir de uma micropolítica situada nas relações afetivas entre as jovens entrevistadas e suas respectivas interlocutoras. A partir de uma perspectiva contextual, pode-se descrever a maneira pela qual a dimensão emocional manifestou as relações de poder intrínsecas ao cenário cultural e ancoradas em cenas da vida cotidiana dos atores sociais em questão. A composição dos sentimentos disposta nos relatos evidenciou a capacidade micropolítica das emoções em reforçar estruturas hierárquicas e concepções de moralidade, presentes tanto na experiência empírica dos jovens quanto nos relatos disponibilizados. Por fim, a partir de uma análise sobre o papel do ciúme nas relações sociais envolvendo três atores, as emoções tiveram papel fundamental na legitimação pragmática da bissexualidade, interferindo na forma como a jovem e seu namorado vivenciam a experiência amorosa.

As emoções, tal como apresentadas no desenvolvimento da análise, apresentam-se como um importante vetor expressivo que possibilita interseccionar e equacionar a forma como códigos morais e preceitos culturais vigentes são concebidos pelos atores sociais em suas dinâmicas interpessoais da vida cotidiana e, principalmente, nas cenas de interpelações onde uma narrativa sobre si é requisitada. Há certamente o momento em que o indivíduo exerce uma exposição sobre si mesmo, sem saber ao certo o caminho que tal relato produzirá na interação face a face. Tais momentos podem remeter, mais ou menos, aos termos apresentados por Goffman em seu texto *Onde a ação está* (2011, p. 142). Para o autor, a ação irrompe no momento em que o indivíduo se encontra em um lugar em que precisa de alguma forma colocar a si mesmo em risco. Em muitos momentos, o regime de controle sobre a

sexualidade parece exercer o deslocamento dos atores sociais para lugares onde a manutenção do armário, como apresenta Sedgwick, parece sustentar um momento de risco iminente, cuja “decisividade” impera como momento chave e produzirá efeitos no curso dos eventos que compõem a interação. Por conseguinte, confrontando um conjunto de presunções já constituintes da fachada pessoal no contexto do encontro, as dinâmicas experienciadas e descritas pelos jovens apontam para a importância da dimensão afetiva que, em parte, compõe tais momentos.

De certo, torna-se imprescindível para a análise das relações interpessoais o valor afetivo em que as tomadas de decisões e suas respectivas consequências ampliam o escopo interacional em que os atores sociais vivenciam as situações sociais interpelativas. Em tais momentos, a capacidade micropolítica das emoções se expõe e, talvez, pode-se complementar a definição de Goffman sobre o contexto da ação concebendo tais momentos como oportunos de uma política dos afetos, ou seja, onde o ator se encontra implicado afetivamente ao exercer um relato de si. A ação, neste caso não apenas indicaria uma cautela reflexiva e autocontrole extensivo, mas uma relação direta entre o sujeito e o afeto, cuja dimensão política se entrelaça com a própria expressividade afetiva.

### Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction. ABU-LUGHOOD, Lila; LUTZ, Catherine (Ed.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.
- ANGELIDES, Steven. *A history of bisexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- COELHO, Maria Claudia. Apresentação. In: Maria Claudia Coelho (org.) *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- DOLZANI, Miriam. As formas eróticas em Simmel. In: Revista Intratextos, 2013, vol. 4, nº1, p. 180-193.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.
- GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GARBER, Marjorie. *Vice-Versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamentos em Lugares Públicos: nota sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, Vozes, 2012.

- \_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- \_\_\_\_\_. "Footing". In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. (Orgs). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- HOCHSCGILD, Alie Russell. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: Maria Claudia Coelho (org.) *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LUTZ, Catherine A. *Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, nº28, p. 19-54, 2007.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

**autor**

**Diego Sousa Schiavo Calmon**

É doutorando em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde também concluiu o mestrado e graduação (Bacharelado) em Ciências Sociais.

**Recebido em 13/11/2019**

**Aceito para publicação em 27/12/2019**